



**UNIVERSIDADE ESTADUAL DA PARAÍBA – UEPB
CENTRO DE CIÊNCIAS HUMANAS E AGRÁRIAS – CCHA
DEPARTAMENTO DE LETRAS E HUMANIDADES
CURSO DE LICENCIATURA PLENA EM LETRAS**

MARIA LILIAN BARRETO DE SOUSA

**CONTRIBUIÇÕES DO LETRAMENTO PARA O ENSINO E APRENDIZAGEM NA
EDUCAÇÃO DE JOVENS E ADULTOS (EJA)**

**CATOLÉ DO ROCHA -PB
2018**

MARIA LILIAN BARRETO DE SOUSA

**CONTRIBUIÇÕES DO LETRAMENTO PARA O ENSINO E APRENDIZAGEM NA
EDUCAÇÃO DE JOVENS E ADULTOS (EJA)**

Trabalho de Conclusão de Curso apresentado ao Curso de Licenciatura Plena em Letras da Universidade Estadual da Paraíba/Campus IV, como requisito parcial à obtenção do título de Licenciatura em Língua Portuguesa.

Área de concentração: Gramática

Orientadora: Profa. Ma.: Maria Aparecida Calado de Oliveira Dantas

**CATOLÉ DO ROCHA
2018**

É expressamente proibido a comercialização deste documento, tanto na forma impressa como eletrônica. Sua reprodução total ou parcial é permitida exclusivamente para fins acadêmicos e científicos, desde que na reprodução figure a identificação do autor, título, instituição e ano do trabalho.

S725c Sousa, Maria Lilian Barreto de.
Contribuições do letramento para o ensino e aprendizagem
na educação de jovens e adultos (EJA) [manuscrito] : / Maria
Lilian Barreto de Sousa. - 2018.
26 p.

Digitado.

Trabalho de Conclusão de Curso (Graduação em Letras
Português) - Universidade Estadual da Paraíba, Centro de
Ciências Humanas e Agrárias, 2018.

"Orientação : Profa. Ma. Maria Aparecida Calado de
Oliveira Dantas, Coordenação do Curso de Letras - CCHA."

1. Letramento. 2. Gêneros textuais. 3. EJA. 4. Inserção
social.

21. ed. CDD 374

MARIA LILIAN BARRETO DE SOUSA

**CONTRIBUIÇÕES DO LETRAMENTO PARA O ENSINO E APRENDIZAGEM NA
EDUCAÇÃO DE JOVENS E ADULTOS (EJA)**

Artigo de Conclusão de Curso
apresentado ao Curso de Licenciatura
Plena em Letras da Universidade
Estadual da Paraíba/Campus IV, como
requisito parcial à obtenção do título de
Licenciatura em Língua Portuguesa.

Área de concentração: Gramática

Aprovada em: 14 de Junho de 2018

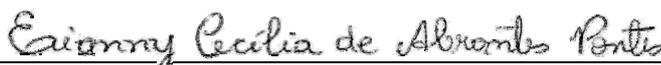
BANCA EXAMINADORA



Prof^a. Ma.: Maria Aparecida Calado de Oliveira Dantas (Orientadora)
Universidade Estadual da Paraíba (UEPB)



Prof^a. Me. Benedita Ferreira Arnaud
Universidade Estadual da Paraíba (UEPB)



Prof^a. Esp. Eianny Cecília de Abrantes Pontes
Universidade Estadual da Paraíba (UEPB)

Aos meus pais João Barreto e Maria
Anunciação Barreto e aos meus filhos Luan
Maicon Barreto e Ana Livia Barreto, com amor,
DEDICO.

AGRADECIMENTOS

A Deus por ter me honrado e me abençoado grandemente, concedendo-me forças para buscar meus objetivos.

Aos meus pais, João e Maria Anunciação, pelo exemplo, pelo amor, pela força e presença constantes em minha trajetória.

Aos meus filhos Luan Maicon e Ana Lívia Barreto, que são a razão maior de todos os meus esforços e batalhas diárias.

Aos meus irmãos e irmãs, pelo companheirismo, amizade e apoio.

À minha estimada orientadora Maria Aparecida pela atenção e contribuição na minha formação acadêmica.

Aos amigos e amigas que o Curso de Letras me presenteou bem como aos demais professores e professoras que muito me ensinaram.

“Educação não transforma o mundo.
Educação muda pessoas. Pessoas
transformam o mundo”.

Paulo Freire

CONTRIBUIÇÕES DO LETRAMENTO PARA O ENSINO E APRENDIZAGEM NA EDUCAÇÃO DE JOVENS E ADULTOS (EJA)

Maria Lilian Barreto de Sousa*

RESUMO

A educação representa um importante artifício para melhoria de vida dos sujeitos uma vez que ela propicia um melhor espaço no que se refere à inserção e permanência não apenas no mundo do trabalho, mas ainda, numa esfera cultural e política tornando-os efetivamente participantes do meio em que estão inseridos. Isto posto, o presente artigo tem como objetivo geral realizar uma análise sobre as contribuições do Letramento para o ensino dos gêneros textuais na Educação de Jovens e Adultos (EJA). A pesquisa justifica-se pelo entendimento da importância do letramento em todas as modalidades de ensino e, de modo específico, para a condução dos trabalhos com os gêneros textuais na EJA, que é uma alternativa de ensino preponderante para aqueles jovens e adultos que não puderam dar continuidade à sua formação básica. Trata-se de uma pesquisa bibliográfica que tem como embasamento teórico as contribuições de diversos estudiosos, a exemplo de: Antunes (2002), Bagno (2007), Bakhtin (1992), Brasil (1998), (2001), Kleiman (2007), Marcuschi (2002), Orlandi (2000), Soares (1998) dentre outros pesquisadores cujos trabalhos são pertinentes ao desenvolvimento da discussão aqui proposta. A pesquisa indica que o letramento é importante subsídio para a inserção do sujeito na sociedade e, portanto, o ensino dos gêneros textuais tende a ser proveitoso para o exercício do letramento também na EJA, assegurando que os alunos possam aplicar de forma bem-sucedida os conhecimentos vistos em sala de aula nas mais distintas situações comunicativas.

Palavras-Chave: Letramento, Gêneros textuais, Inserção social.

* Aluna de Graduação em Licenciatura Plena em Letras na Universidade Estadual da Paraíba – Campus IV.
E-mail: marialilian@outlook.com

SUMÁRIO

1 INTRODUÇÃO	7
2 CONCEITO E IMPORTÂNCIA DO LETRAMENTO.....	8
2.1 Letramento e ensino de Língua Portuguesa.....	12
3 FUNCIONALIDADE DOS GÊNEROS TEXTUAIS	15
3.1 Práticas de letramento na EJA.....	18
4 CONSIDERAÇÕES FINAIS	22
REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS	24

1 INTRODUÇÃO

A necessidade de aprimoramento e de buscar novos conhecimentos é uma das mais expressivas características das sociedades modernas. Com efeito, ao longo dos anos, com a expansão da globalização e o acesso cada vez mais rápido ao conhecimento, o ser humano tem sido levado a ampliar, ao longo da sua trajetória, os seus saberes de modo a atuar eficientemente na esfera social em que vive.

Dessa maneira, para que possa ter espaço e permanência no mundo do trabalho e na sociedade vigente, é indispensável saber interagir de forma efetiva atendendo às diferentes demandas que a sociedade impõe. Nisto, saber ler e escrever, conhecer as noções básicas da Língua não basta para um domínio maior e mais eficaz da linguagem. Surge, com isso, o letramento.

O letramento, contudo, não diz respeito apenas à aprendizagem mecanicista da Língua, à decodificação e codificação, mas sim, ao resultado dessa aprendizagem para além do contexto escolar. Nesse sentido, letrar os sujeitos é proporcioná-los uma capacidade de reflexão e ação sobre a própria linguagem de modo que possam entender a sua funcionalidade e aplicá-la satisfatoriamente nas múltiplas e diferentes esferas comunicativas da sociedade.

Isto posto, este estudo traz como tema: “Contribuições do Letramento para o ensino e aprendizagem na Educação de Jovens e Adultos (EJA) ” cujo objetivo principal é realizar uma análise sobre as contribuições do Letramento para o ensino dos gêneros textuais na Educação de Jovens e Adultos tendo em vista que essa modalidade educacional é de suma relevância para a inserção do sujeito jovem e adulto no mundo do trabalho e, inclusive, é importante ferramenta de aprimoramento pessoal e intelectual. Interessa, ainda, através da pesquisa discutir algumas práticas de letramento na modalidade acima aludida e explorar conceitos dos gêneros textuais de ensino e relacionar Letramento e ensino de Língua.

A EJA destina-se, prioritariamente, aos sujeitos jovens e/ou adultos que não puderam concluir o Ensino Médio e que desejam voltar às atividades educacionais. Além disso, o referido sistema tem como características a flexibilidade entre tempo e espaço e a oferta da inclusão digital mediante o uso das tecnologias.

Assim, os gêneros textuais surgem como importantes aliados na condução do trabalho docente na Educação de Jovens e Adultos, pois como produto da atividade

humana, esses textos assumem diferentes estruturas para atenderem, com isso, a diferentes necessidades, quer seja no âmbito escolar, quer seja em outros setores da sociedade. Deste modo, compreender os gêneros e a sua funcionalidade demanda, fundamentalmente, leitura crítica e interação entre os sujeitos, razão pela qual o ensino voltado ao letramento tende a ser tão pertinente.

A escolha da temática justifica-se pelo entendimento da importância do uso e reflexão em torno dos gêneros textuais, bem como do ensino e das práticas voltadas ao letramento que tendem a ser determinantes para o sucesso do processo educacional sobretudo nessa modalidade de ensino que ainda requer muita reflexão e melhorias para atender às exigências e particularidades do público alvo.

Deste modo, o trabalho está estruturado em sete seções intituladas, respectivamente: introdução; conceito e importância do letramento; letramento e ensino de Língua Portuguesa; funcionalidade dos gêneros textuais; práticas de letramento na EJA, considerações finais e, por fim, referências utilizadas.

Espera-se que a discussão aqui proposta contribua para o melhor entendimento dos conceitos elencados de modo a suscitar o interesse por pesquisas ainda mais aprofundadas que venham a agregar valor ao estudo. Para tanto, nosso trabalho teve o embasamento dos pressupostos teórico-metodológicos de pesquisadores, como: Antunes (2002), Bagno (2007), Bakhtin (1992), Brazil (1998), (2001), Kleiman (2007) , Marcuschi (2002), Orlandi (2000), Soares (1998) dentre outros, cujas ideias são preponderantes para a construção da pesquisa aqui descrita.

2 CONCEITO E IMPORTÂNCIA DO LETRAMENTO

Ao longo das décadas, muito se tem falado em assegurar uma educação que não se limite apenas à aprendizagem do código linguístico. Nessa perspectiva, interessa promover um ensino de Língua que ultrapasse as noções básicas de leitura e escrita indo, nesse sentido, além da alfabetização.

No entanto, para que possa auxiliar na aprendizagem de seus alunos, é preciso que o educador tenha também uma boa formação através da qual ele próprio adquira o hábito de ler e de aprimorar as suas competências, estando, com isso, sempre se reinventando. Para tanto, o profissional precisa conhecer o conceito

de leitura e escrita e entender a sua abrangência não somente no que concerne ao ensino de Língua Portuguesa, mas na relevância dessas aptidões para a aprendizagem das demais disciplinas.

Em concordância, pois, com essa percepção Souza (1992) pontua que a leitura consiste, fundamentalmente, no ato de perceber e ser capaz de atribuir significados mediante uma conjunção de aspectos pessoais com o momento, lugar e as circunstâncias sendo, nesse sentido, um processo capaz de conduzir o leitor a produzir uma compreensão particular da realidade.

Micheletti e Brandão (1997) corroboram com o pensamento acima comentado ao destacarem a abrangência do ato da leitura caracterizando-a como um processo de compreensão do mundo e do outro por meio das palavras que, conforme observam as estudiosas, estão sempre relacionadas a um determinado contexto.

De acordo com Melo (2012), a alfabetização sempre esteve em pauta nas discussões no âmbito educacional, em que, muitas vezes eram refletidos os métodos de ensino que, comumente, priorizavam o código linguístico. Assim, de acordo com a autora, orientados pelos ideais construtivistas, houve uma tomada de consciência acerca da importância de proporcionar a inserção efetiva da criança no “mundo” da escrita mediante textos autênticos.

Com efeito, a definição de letramento emerge dessa inquietação que tem sido alvo de reflexão no âmbito educacional nos últimos anos e que discute a importância de “alfabetizar letrando”. No entanto, para que esse processo aconteça de forma bem-sucedida faz-se imprescindível que os educadores conheçam o conceito de letramento estabelecendo na sua prática estratégias de ensino que o viabilizem.

Isto posto, é pertinente que essas estratégias favoreçam o desenvolvimento de uma percepção de Língua que torne os alunos aptos a participarem ativamente da sociedade de que são membros nas mais distintas situações comunicativas. Assim, de acordo com Soares (2004), embora sejam distintos, os conceitos de alfabetização e letramento envolvem processos imanentes. Desta maneira:

[...] a alfabetização desenvolve-se *no contexto de e por meio de* práticas sociais de leitura e escrita, isto é, através de atividades de letramento, e este, por sua vez, só se pode desenvolver *no contexto da e por meio da* aprendizagem das relações fonema-grafema, isto é, em dependência da alfabetização. (SOARES, 2004, p.14)

Conforme a autora, considera-se alfabetizado aquele indivíduo que aprendeu as noções alfabéticas e ortográficas de um determinado sistema linguístico, sendo, portanto, capaz de decodificar e codificar. O indivíduo letrado, por sua vez, é aquele que não somente está habilitado a ler e escrever, mas sobretudo, tem capacidade de utilizar as práticas de leitura e escrita socialmente atendendo à diferentes demandas em diferentes situações de interação.

O conceito acima detalhado está presente, também, nos Parâmetros Curriculares Nacionais para o ensino de Língua Portuguesa (BRASIL, 2008), que ressaltam a capacidade de utilizar a leitura e escrita socialmente, enfatizando, com isso, a relevância da interação entre os falantes na dinamicidade desse processo abordando o letramento como “o estado de condição que adquire um grupo social ou indivíduo como consequência de ter-se apropriado da língua escrita e de ter-se inserido num mundo organizado diferentemente: a cultura escrita.” (BRASIL, 2008, p.11)

Entretanto, conforme aponta Bonini (2001), os PCN não elencam os gêneros como um conteúdo específico, embora proponham uma abordagem de ensino através desses textos. Na opinião do autor, há uma certa fragilidade no que compete ao tratamento das condições de produção e, conseqüentemente, à clareza das potencialidades a serem estimuladas no que tange aos objetivos do ensino.

Segundo Orlandi (2000), a relação do aluno com o universo simbólico não ocorre apenas através de uma via verbal, mas também, com todas as formas de linguagem dentro e fora do ambiente escolar, na relação com o mundo que o cerca. Vê-se, nessa fala, que a pesquisadora concebe a leitura como um ato de entendimento que transpõe o código escrito e que esta manifesta nas mais diferentes áreas e contextos sociais. Porquanto, a linguagem-não verbal também é de suma relevância para a expressão de ideias, para a compreensão dos ideais que regem uma determinada sociedade e como forma genuína, também, de comunicação como fora para os povos antigos que se utilizavam das pinturas rupestres, por exemplo, para interagir e documentar momentos de sua vida prática deixando, com isso, um legado histórico muito importante para as gerações que lhes sucederam.

Assim, com o acesso mais fácil e rápido a diferentes textos, ler e sobretudo, atribuir sentidos aos textos lidos tornou-se um importante diferencial numa sociedade cada vez mais marcada pela busca de melhorias e de um espaço no

mundo do trabalho. Entende-se, com isso, que o investimento numa formação de qualidade, com vistas ao letramento, é preponderante para a inserção dos sujeitos nas mais diferentes áreas da sociedade uma vez que “ um leitor crítico não é apenas um decifrador de sinais, mas sim aquele que se coloca como co-enunciador, travando um diálogo com o escritor” (Souza *et.al.*, s/d, p.220).

Ainda sobre esse aspecto pode-se inferir que:

A leitura é essencial para a inserção do ser humano na sociedade, o incentivo à leitura começa muito cedo na infância, onde a criança começa a descobrir o mundo da imaginação e descobertas. O indivíduo que não busca por compreender a escrita, se fecha e se torna prisioneiro em si. Entretanto, a leitura é libertadora, a partir do momento que a mesma passa a ser realizada de maneira reflexiva. (COELHO E MACHADO, 2015, p.04)

Desde as séries iniciais até o ensino superior, muitos e diferentes gêneros textuais são apresentados aos sujeitos. Todavia, partindo da ideia acima transcrita, para que haja uma apreensão efetiva desses textos, é preciso proporcionar um constante exercício de reflexão através do qual os leitores estabeleçam relações dialógicas com o que leem, produzindo, assim, seus próprios textos e opiniões. Nesse processo, o educador surge como mediador, estabelecendo, também, diálogos e trocas de saberes com os alunos, produzindo textos orais e escritos e permitindo aos estudantes participarem ativamente da sua própria aprendizagem.

Antunes (2003) ressalta que a escolha desses gêneros deve ocorrer de forma gradual em consonância com o nível de desenvolvimento dos alunos. Em síntese, uma turma de quarto ano do Ensino Fundamental já possui capacidade de ler e atribuir sentidos a uma fábula, que é um texto comum a essa série, enquanto que alunos do terceiro ano do Ensino Médio certamente não terão o mesmo interesse por essas narrativas sendo, ao contrário, estimulados por gêneros como contos, piada, horóscopo dentre outros cuja assimilação e afinidade são maiores tendo em vista fatores como a faixa etária destes alunos e, mesmo, as suas intenções no estudo de tais textos.

Nessa perspectiva, há uma série de gêneros que podem e devem ser trabalhados em sala de aula, contudo, o professor precisa estar atento às necessidades da turma para aplicar de forma bem-sucedida esses textos na condução das suas aulas. Em vista disso:

Fica evidente a pretensão quanto à *diversidade de gêneros de textos* que o professor deve providenciar. É importante que o aluno, sistematicamente, seja levado a perceber a multiplicidade de usos e de funções a que a língua se presta, na variedade de situações em que acontece. (ANTUNES, 2003, p.118)

Espera-se, com isso, que o profissional esteja aberto às estratégias várias de apresentação e apreciação dos gêneros a fim de que sua prática, aliada aos conhecimentos prévios dos alunos, possa, progressivamente, promover o letramento.

2.1 Letramento e ensino de Língua Portuguesa

De acordo com Kleiman (2007), o conceito de letramento surgiu no Brasil em meados dos anos 80, infiltrando-se, assim, no discurso escolar e se estabelecendo a partir do contraste com o conceito de alfabetização. Com efeito, a inserção da definição de letramento no cenário educacional brasileiro acarretou numa preocupação em adequar as metodologias de ensino vigentes no intuito de formar professores aptos a alfabetizar letrando. Sobre o perfil desse profissional, afirmam que

O professor-alfabetizador não é apenas o que trabalha com as séries iniciais na área de língua materna, mas sim aquele que ensina levando o aluno à compreensão dos saberes letrados nas diversas áreas do conhecimento como na matemática, ciências, história, geografia, artes, religião, facilitando o processo de compreensão dos alunos sobre o que leem. (SANTOS *et al*, 2015, p.03)

O letramento, nessa lógica, ganha um sentido ainda mais abrangente, considerando-se que ele se refere ao conhecimento mais aprofundado não somente dos conceitos de Língua portuguesa, de modo especial da leitura e escrita, mas, inclusive, diz respeito à capacidade de interpretação e assimilação das noções matemáticas, dos conceitos científicos, dos diferentes saberes e particularidades da história e geografia, dos fundamentos concernentes às muitas manifestações religiosas e artísticas.

Essa interdisciplinaridade e esse caráter expansivo do letramento exige do profissional da educação ainda mais comprometimento em conhecer efetivamente o conceito e buscar, ao longo de seu trabalho, metodologias de ensino que tornem possível atingi-lo. Assim, é indispensável que haja um planejamento sempre flexível,

que esteja bem alicerçado em objetivos claros com relação ao público-alvo das aulas. Dessa maneira, o planejamento deve contemplar aspectos como: faixa etária dos alunos; principais dificuldades de aprendizagem da turma; assuntos recorrentes na sociedade vigente e, inclusive, temas de interesse dos alunos além de textos sugeridos pelo professor, os quais possam atender aos seus objetivos na condução dos trabalhos, tanto num sentido individual, quanto na aprendizagem coletiva, através de pesquisas e atividades em grupo. Ainda sobre a escolha dos gêneros para análise em sala de aula, torna-se oportuno que:

a) propiciem uma ação social efetiva; b) abarquem, em um grau de complexidade crescente, o usual (cotidiano) e o importante em termos de variedades de experiências (da fala, estéticos, da imprensa, eletrônicos); c) sejam adequados à experiência vivencial do aluno. (BONINI, 2001, p.21)

De fato, as experiências que o aluno traz consigo e que vivencia para além da prática escolar são primordiais para que o professor opte, satisfatoriamente, pelos gêneros que melhor se enquadrem no que pretende discutir em sala de aula. Além disso, em face da constante modificação da linguagem e de fenômenos como a variação linguística, muitos são os gêneros que surgem, conferindo dinamicidade à Língua. É o exemplo dos chamados gêneros digitais, como o *blog* e o *e-mail*, os quais emergem da expansão da tecnologia e estão presentes no cotidiano da grande maioria das pessoas no mundo moderno.

No que diz respeito ao letramento no âmbito do ensino de língua materna, é ainda mais necessária a implementação de estratégias que privilegiem a leitura reflexiva dos textos e, por conseguinte, a produção de novos textos nas diferentes modalidades existentes. Para tanto, ao longo da sua formação, o aluno precisa dominar algumas capacidades, especialmente de leitura. Rojo (2002, p.04) elenca essas competências, como: “Capacidades de decodificação; capacidades de compreensão (estratégias); capacidades de apreciação e réplica do leitor em relação ao texto (interpretação, interação) ”.

A escola, nesse percurso, deve prestar auxílio ao educador e oferecer condições de condução dos seus trabalhos que facilitem o processo de letramento. Entretanto, algumas instituições ainda oferecem um ensino enraizado na alfabetização com destaque, quase sempre, para o entendimento do código linguístico. À vista disso, é perceptível que:

As nossas escolas têm se constituído como um importante espaço social de letramento, contudo, nem sempre oportunizam aos alunos diferentes práticas sociais de leitura. A razão da ausência dessas práticas é que, tradicionalmente, a sua ênfase se dava na alfabetização, entendida como aquisição de um sistema alfabético-ortográfico, dissociada de suas funções discursivas e comunicativas, ou seja, sem considerar o letramento das crianças. (SANTOS, *et al* 2015, p.03)

Evidentemente, a aquisição do sistema alfabético-ortográfico é indispensável no ensino de Língua Portuguesa desde as séries iniciais. Porém, limitar o ensino de português ao conhecimento gramatical tende a dificultar, justamente, a aquisição da criticidade e a capacidade de atribuir sentidos aos mais diferentes textos existentes. Ainda nesse seguimento, Antunes (2003) reforça que a gramática está internalizada nos falantes tendo em vista que, do ponto de vista da linguagem como forma de atuação social, essa competência ocorreria naturalmente. Ocorre que, precisamente por esse fator, é que “explorando os sentidos do texto, estamos explorando também os recursos de gramática da língua.” (ANTUNES, 2003, p.119).

Além disso, entende-se que a Língua está em constante mutação e, por esta razão, os gêneros textuais assumem – ao longo da história – a estrutura e função que determinado grupo social busca. Sob essa percepção, o mesmo texto produz diferentes significações pois é lido e experienciado por leitores diferentes em circunstâncias também diferentes. Sobre esse assunto, Bagno (2007) argumenta que há na Língua um fazer constante e é essa característica, precisamente, que atribui a ela um caráter inconclusivo. Nas palavras do autor, a Língua é produto dos falantes, gerada numa coletividade quer seja na interação pela palavra escrita, quer seja no âmbito da oralidade.

Trata-se, portanto, de promover a prática da leitura e escrita nas suas múltiplas apresentações levando o aluno à compreensão da funcionalidade deste e daquele texto no contexto comunicativo em que se expõem. Esta prática não implica dizer na exclusão do ensino gramatical como já fora mencionado anteriormente, mas sobretudo, no ensino alfabético-ortográfico conjuntamente às práticas de leitura, pautadas na reflexão e criticidade.

3 FUNCIONALIDADE DOS GÊNEROS TEXTUAIS

É notório que, seja na modalidade oral ou na escrita, diferentes são os textos que circulam através de canais de comunicação também diferenciados e atendem, portanto, a necessidades específicas de comunicação. Com efeito, um poema difere de uma receita em estrutura e intencionalidade tendo em vista, inclusive, que ambos os gêneros textuais possuem um público e atendem a funções distintas. Esse exemplo se aplica a todos os gêneros textuais que, ao longo da formação acadêmica e, de forma especial, no âmbito das aulas de Língua Portuguesa devem ser constantemente apreciados e inseridos no currículo escolar. Desta maneira:

Os textos materializados que encontramos em nossa vida diária e que apresentam características sócio comunicativas definidas por conteúdos, propriedades funcionais, estilo e composição característica. Se os tipos textuais são apenas meia dúzia, os gêneros são inúmeros. Alguns exemplos de gêneros textuais seriam: telefonema, sermão, carta comercial, carta pessoal, romance, bilhete, reportagem jornalística [...] (MARCUSCHI, 2002, p.22-23)

Bakhtin (1992) acrescenta que os gêneros discursivos apresentam características em comum sendo, de acordo com o autor, relativamente estáveis. Segundo ele, estes textos apresentam: conteúdo temático que diz respeito ao que pode ser comunicado através do texto; construção composicional - que se refere a uma estrutura particular dos textos de cada gênero e estilo que enquadra configurações próprias das unidades de linguagem, originadas da posição enunciativa do locutor. Essas são algumas particularidades descritas por Bakhtin e, embora tratem de conceitos diferentes, percebe-se que tanto ele quanto Marcuschi (2002) corroboram com a ideia de que os gêneros sempre partem de uma necessidade de comunicação e, por esta razão, possuem tantas formas de veiculação direcionadas a públicos específicos.

Assim, por estarem presentes nas situações de interação entre os falantes e inseridos, portanto, no cotidiano das pessoas. Daí entender-se que os gêneros textuais precisam ser conhecidos e apreciados a fim de que os sujeitos se tornem aptos, ao longo da sua formação, a reconhecerem as especificidades de cada texto e a sua funcionalidade na vida prática, favorecendo, com isso, maiores níveis de letramento. Sobre esse aspecto:

Entender que *o letramento é mediado por textos* implica naturalmente ter consciência de que o uso de determinados textos depende do sistema de atividades no qual as pessoas estão inseridas, noutros termos, depende dos *papéis que as pessoas exercem* e do que elas necessitam fazer por meio desses textos em determinadas situações. Esse sistema [...] determina que gêneros escolher e usar em certas situações comunicativas *para atingir determinados propósitos*. (OLIVEIRA, 2010, p.330, grifos nossos)

Na perspectiva aludida pela autora supracitada, as atribuições que as pessoas exercem no mundo do trabalho – quer seja ele formal ou não – tendem também a ser determinantes para a escolha dos gêneros mais usados e, portanto, que serão recorrentes na interação entre os falantes nessas esferas linguísticas. Com efeito, um jornalista utiliza-se e produz notícias, ensaios, artigos de opinião que são gêneros comuns à sua profissão enquanto que um poeta terá que aprender e apreender as noções em torno da estrutura e essência das poesias e dos poemas que são gêneros textuais típicos do seu ofício.

Partindo, pois, dos exemplos acima ditos e refletindo acerca das concepções em torno do gênero textual torna-se evidente a relevância de um ensino qualitativo que não se limite apenas à aquisição do conhecimento superficial acerca das características deste ou daquele gênero, mas sobretudo, que oportunize ao aluno a reflexão sobre os textos lidos, bem como a produção destes e a refacção textual.

A reflexão é uma das habilidades mais complexas e importantes a serem desenvolvidas, haja vista que exige do leitor um teor de criticidade à medida que este confronta as suas ideologias com as ideologias sobre as quais se produz determinado texto ou obra, por exemplo. Tal posicionamento requer do aluno uma autonomia ao mesmo tempo em que demanda um exercício de percepção da intencionalidade do autor do texto lido, o contexto histórico-cultural em que fora produzido e o público ao qual se destina. Esses mecanismos vão sendo exigidos ao longo da leitura dos diferentes gêneros e a partir da prática constante da leitura é que serão criados textos que podem e devem ser revisitados e reescritos a fim de que o aluno participe de forma direta da sua formação. Por isso, também, é que o exercício de refacção textual é tão relevante, sobretudo no ensino de Língua Portuguesa, pois propicia a auto avaliação.

Oliveira (2010) reforça que as práticas de ensino são orientadas a partir da concepção de letramento e de gêneros textuais pertencentes a cada professor. Assim, como cada educador possui uma noção de gênero e de letramento, as

metodologias de ensino serão embasadas em conformidade com essas noções. Nesse sentido, vale enfatizar que:

A efetivação dessas práticas no contexto escolar vai depender das possibilidades e dos interesses de cada educando. [...] Numa turma de jovens, o grande interesse é pelas práticas que abrem portas para o trabalho ou para capacitação profissional, incluindo-se também o desejo de um dia participar de cursos universitários. Nesse grupo, as práticas de letramento que favorecem a consciência política mostram-se muito significativas, à medida que desenvolvem o senso crítico e a vontade de participar e se engajar em causas sociais. (OLIVEIRA, 2010, p.339).

Conforme ressaltado pela autora, numa turma de jovens há um grande interesse destes pela capacitação para a atuação no mundo do trabalho. Em se tratando das turmas da EJA, esse aspecto é ainda mais acentuado tendo em vista que o público integrante dessas turmas consiste, geralmente, em jovens e adultos que pretendem concluir o Ensino Fundamental e/ou Médio como forma, principalmente, de obterem maiores conhecimentos para competir no mundo do trabalho vigente e, quando inseridos, estarem habilitados para nele permanecer, visto que, na contemporaneidade, não basta somente ingressar no mundo do trabalho mas, inclusive, é indispensável estar constantemente aprimorando os talentos de modo a se manter proativo e aberto às inovações e desafios que venham surgir.

Antunes (2002) sugere que os gêneros sejam inseridos no currículo de forma gradual obedecendo a uma programação que será mediada pelo professor. De acordo com a autora, em cada unidade de ensino seria privilegiado um gênero de texto para estudo-análise sem, no entanto, eliminar a leitura e possível produção (tanto na modalidade oral quanto na escrita) de outros gêneros. Como resultado, ao final do ano escolar, o aluno teria visto pelo menos oito gêneros distintos e ao término da formação regular, teria tido a possibilidade de expandir o seu conhecimento acerca da estrutura e função de cada um desses gêneros com enfoque “aqueles mais relevantes, de acordo com as exigências culturais do lugar e do momento.” (ANTUNES, 2002, p.73)

Deste modo, com base na proposta de Antunes (2002), percebe-se que o professor precisa conhecer os gêneros e suas singularidades para poder mediar um ensino qualitativo. Isso implica dizer que a leitura dos gêneros deve ser o primeiro aspecto a ser viabilizado pelo profissional a fim de que se aproprie de sua estrutura

e possa, numa relação dialógica, reparar eventuais dúvidas e discutir acerca da função de cada texto.

Com efeito, vale dizer que alguns gêneros são privilegiados no cotidiano escolar, a exemplo do texto dissertativo-argumentativo que é, inclusive, o gênero textual comumente solicitado em provas para concurso público e em exames de admissão em instituições de Ensino Superior em todo o território nacional despertando, por esta razão, a curiosidade e necessidade dos alunos em sua aprendizagem. Todavia, o professor pode e deve expor outros gêneros que são, igualmente, interessantes e proveitosos para a expansão dos saberes, estabelecendo um paralelo, ressaltando e pontuando dissemelhanças e pontos de intertextualidade entre as produções.

3.1 Práticas de letramento na EJA

O exercício da docência sempre exigiu uma combinação criteriosa entre as teorias em torno da Educação e as metodologias de ensino que objetivam reproduzir os conceitos teóricos estudados ao longo da formação do educador no cotidiano de suas aulas. Essa preocupação justifica-se, inclusive, pela necessidade de aprimorar o sistema educacional através de práticas que se destinem ao letramento dos alunos em todas as modalidades de sua formação.

Lima *et al* (2007) enfatizam que é pertinente considerar a dimensão política da formação docente e que essa conscientização deriva de uma reflexão da realidade docente que o profissional deve fazer ao longo de seu percurso de aprendizado. Além disso, também é preciso refletir sobre a escola pública para que haja, assim, um vislumbre da realidade e maiores condições de transformá-la positivamente. Para tanto é importante reconhecer nesse processo a diversidade de saberes, bem como os avanços científicos e tecnológicos que permeiam o mundo moderno e, conseqüentemente, influenciam no âmbito educacional de modo que a escola possa se adequar às inovações e, ao mesmo tempo, que estabeleça um ensino voltado às necessidades da sua comunidade. Nessa perspectiva pode-se constatar que:

Neste sentido, a própria educação se fará por meio de conhecimentos válidos ou significativos. [...] o conhecimento significativo estabelece relações transdisciplinares englobando o mundo escolar e o mundo vivido

como um elo em que não se delimita o seu ponto de origem e o seu término. Entretanto para que esse emaranhado de mudanças aconteça é necessária uma formação bem embasada do profissional da educação. (LIMA *et al*, 2007, p.92)

No que se refere ao trabalho docente na Educação de Jovens e Adultos, essa reflexão e posicionamento torna-se ainda mais essencial em razão de ser uma modalidade com a finalidade de assegurar aos jovens e adultos que não concluíram sua formação na Educação Básica a continuidade dos seus estudos e, com isso, melhores condições de competir e atuar no mundo do trabalho. A formação do educador responsável por turmas de EJA requer, essencialmente, que haja um diálogo e conhecimento aprofundado dos interesses desse público que, na maioria das vezes, busca a continuação dos estudos – ainda que tardiamente – como forma de aprimorar-se para a conquista e manutenção de um emprego nas mais diferentes áreas.

Arbache (2001) converge com a ideia acima defendida ao reforçar que a Educação de Jovens e Adultos exige do professor um conjunto de conhecimentos específicos no que se refere à conteúdo, metodologia, avaliação, atendimento, dentre outros aspectos inerentes ao percurso educacional a fim de que o profissional responsável esteja apto a trabalhar de forma qualitativa com esses sujeitos tão heterogêneos e culturalmente diversificados.

A função da Educação de Jovens e Adultos:

Vai dar cobertura a trabalhadores e a tantos outros segmentos sociais como: donas de casa, migrantes aposentados e encarcerados. A reentrada no sistema educacional dos que tiveram uma interrupção forçada seja pela repetência ou pela evasão, seja pelas desiguais oportunidades de permanência ou outras condições adversas, deve ser saudada como uma reparação corretiva, ainda que tardia, de estruturas arcaicas, possibilitando aos indivíduos novas inserções no mundo do trabalho, na vida social, nos espaços da estética e na abertura dos canais de participação. (SOARES,2006, p.08)

De acordo com o posicionamento acima exposto, a EJA possui uma abrangência que envolve não somente a conclusão da formação básica, mas se destina também à inserção dos indivíduos em outros setores da sociedade em que vivem de uma forma mais atuante expandindo, assim, as suas possibilidades de crescimento. Além disso, nas palavras de Soares (2006) ressalta-se o público recorrente dessa modalidade educacional que compreende desde donas de casa até encarcerados e, por tal razão, requer estratégias de ensino que se voltem para

os saberes prévios desse público e se harmonizem com as suas necessidades e limitações.

Com efeito, uma vez conhecido o público integrante das turmas de EJA, cabe ao professor pesquisar e implementar estratégias que privilegiem a leitura e produção textuais considerando, ainda, os saberes prévios dos alunos. Assuntos frequentes no cotidiano e que tenham relevância política e cultural sendo, deste modo, oportunos para discussões, são sempre oportunos e devem ser trabalhados nas atividades ao longo do curso. Além disso, os alunos podem e devem colaborar diretamente com o professor apontando dúvidas e sugerindo assuntos que lhes forem interessantes. A partir da prática constante e continuada da leitura e escrita, o processo de letramento torna-se viável e a aprendizagem, prazerosa. Porém, para que isso ocorra o educador não deve se limitar a manuais didáticos prontos, mas tornar-se um pesquisador.

Ainda acerca dessa questão, verifica-se que:

É então no diálogo e na troca com seus pares, parceiros com os quais partilha o interesse de pesquisa sobre os mesmos objetos - com todas as angústias, inquietações e possibilidades de encaminhamentos teóricos satisfatórios e atuais -, que o professor como pesquisador reflexivo vai encontrar espaço para construir um saber ágil, consensual, operacionalmente aceito e possível de ser atualizado a qualquer momento. (MARCONDES FILHO, 1995, p.23)

Com a reflexão e a atualização do conhecimento adquirido, tanto o professor quanto os alunos têm maiores chances de desenvolver satisfatoriamente os seus conhecimentos e, por conseguinte, alargar seus níveis de letramento. No intuito de estimular a leitura, alguns gêneros textuais podem ser bastante proveitosos nas turmas de EJA, como por exemplo: piadas, notícia, propaganda, carta pessoal, carta de solicitação, entrevista, artigo de opinião, rótulo, dentre outros cujos mesmos estão presentes em diversos setores da sociedade e, por esta razão, são familiares ao público da EJA.

As atividades com os gêneros acima descritos podem ter início com conversas informais através das quais os alunos colocarão suas dúvidas e suas percepções sobre os textos que serão lidos e analisados. Partindo sempre da leitura e do diálogo, poderão ser desenvolvidas atividades de produção textual oral ou escrita e de identificação das características dos gêneros além de destacar a sua função e sua relevância no contexto social. Nesse processo é importante que o

professor se mostre receptivo às sugestões dos alunos e que perceba ao longo do ensino quais gêneros e atividades têm sido melhor aproveitados.

Lopes e Sousa (2005) discutem acerca da necessidade de que os alunos pertencentes às turmas da EJA vivenciem continuamente atividades e projetos que não se limitem apenas à alfabetização no intuito de reduzir os índices de analfabetismo. Nessa perspectiva, de acordo com as pesquisadoras, educar jovens e adultos não se restringe ao ensino da codificação e decodificação superficiais de textos, mas deve atentar para a formação cultural desses sujeitos e sua preparação para o mundo do trabalho, seguindo, assim, o que determinam as Diretrizes Curriculares através do Parecer CNE/CEB nº11/200: reparação, qualificação e equalização do ensino. Nesse seguimento, para que haja sucesso e ocorra a aprendizagem:

O educador deve perceber o aluno como um ser pensante, cheio de capacidade e portador de ideias, que se apresentam espontaneamente, em uma conversação simples e em suas críticas aos fatos do dia-a-dia. [...] *O aluno adulto tem muito a contribuir* para o processo de ensino aprendizagem, não só por ser um trabalhador, mas pelo conjunto de ações que exerce na família e na sociedade. (LOPES E SOUSA, 2005, p.15, grifos nossos)

O posicionamento acima comentado converge com a proposta de Freire (1967) pautada nos temas geradores. O educador, que foi o precursor da Educação de Jovens e Adultos no Brasil, sugere que a prática docente se direcione a partir de temas que promovam a ação-reflexão-ação. Entretanto, vale dizer que esse caráter reflexivo só ocorre se os temas forem pautados de conteúdos sociais e políticos tendo, por esta razão, significação concreta para os educandos. À medida que estes não somente decodificam, mas sobretudo, atribuem sentido ao que leem e produzem, é possível desenvolver níveis maiores de conscientização e, por conseguinte, de atuação de forma transformadora na sociedade.

Por possuir uma maior experiência de vida, o aluno adulto carrega consigo todo um legado de saberes e percepções que uma criança ou adolescente, por exemplo, ainda não possui. Por esta razão, as experiências e ideais vividos por esses alunos podem ser um importante instrumento na sua própria aprendizagem ao mesmo tempo em que, de forma mútua e numa relação dialógica, é possível confrontar essas ideias tornando dinâmicas as aulas. Além disso, a forma como concebem o trabalho e a própria vida pode ser interessante de ser discutida com os

colegas mais jovens numa heterogeneidade de identidades e culturas que serão respeitadas e consideradas no contexto das aulas.

Deste modo, para que o letramento seja possível nas turmas de EJA, cabe ao educador estabelecer estratégias que estimulem a leitura, a escrita, a expressão das ideias de um modo geral (tanto na modalidade oral, quanto na modalidade escrita da Língua). Aliado a isso, é oportuno que o professor responsável por turmas desse segmento educacional tenha uma formação apropriada, diferenciada, de modo que o habilite a compreender a função da EJA e quais as melhores metodologias a serem privilegiadas para que ocorra a aprendizagem sem, no entanto, limitá-la ao código linguístico mas, sobretudo, no alcance da autonomia e criticidade necessárias para que os alunos ingressem e permaneçam no mundo do trabalho conscientes das suas habilidades e da sua importância na sociedade da qual são membros.

4 CONSIDERAÇÕES FINAIS

Diante do exposto, pôde-se verificar que, embora apresente expressivas lacunas que ainda dificultam a sua aplicação, a Educação de Jovens e Adultos – EJA, representa uma modalidade de ensino importante para o segmento da Educação Básica no Brasil sendo preponderante para a alfabetização, a continuidade dos estudos e a inserção no mundo do trabalho de muitos jovens e adultos brasileiros que, por diferentes motivos, não puderam concluir o Ensino Fundamental e/ou Médio.

Com efeito, tais lacunas decorrem da inadequação do sistema educacional que, muitas vezes, não está devidamente estruturado para atender às necessidades desse público em concordância com o que sugerem as diretrizes curriculares a ele destinadas. Além disso, há uma precariedade na formação dos profissionais dessa área que, conforme fora discutido, precisam adequar-se aos alunos da EJA e, assim, conhecer as especificidades da modalidade e quais recursos didáticos-pedagógicos podem e devem ser empregados para que ocorra a aprendizagem e o letramento.

Nessa perspectiva, o letramento nas turmas de EJA resulta das estratégias que privilegiem a leitura e a escrita e, em especial, o trabalho com os gêneros textuais que, conforme fora aludido na presente pesquisa, tende a ser proveitoso para a expansão dos saberes, para o aprimoramento da criticidade e para as

práticas sociais de leitura e escrita. Deste modo, os gêneros, quando utilizados de maneira aprofundada e considerando sua funcionalidade, tendem a favorecer o letramento e estimular as competências dos indivíduos. Assim, quanto mais gêneros forem apresentados aos alunos maiores as suas possibilidades de aprimoramento e de entendimento da função de cada texto na vida cotidiana. Dentre os gêneros sugeridos para trabalho com as turmas da EJA, destacam-se: piadas, notícia, propaganda, carta pessoal, carta de solicitação, entrevista, rótulo, dentre outros textos que oportunizem a reflexão e o compartilhamento das impressões de cada aluno, trazendo sentido aos textos lidos.

Isto posto, espera-se que o presente estudo colabore para a disseminação de ideias em torno da Educação de Jovens e Adultos e, ainda, que desperte o interesse em pesquisas mais aprofundadas a fim de contribuir com os profissionais envolvidos e interessados no referido tema. Além disso, vale ressaltar que as atividades aqui mencionadas e detalhadas emergem como sugestões podendo ser adaptadas, modificadas e ampliadas conforme a necessidade das turmas e, sobretudo, atendendo aos objetivos que norteiam o plano de curso dos profissionais que delas se utilizarem.

ABSTRACT

Education represents an important artifice for the improvement of the life of the subjects, since it provides a better space for insertion and permanence not only in the world of work, but also in a cultural and political sphere making them effectively participants in the environment in which they are inserted. Thus, the present article has the general objective of analyzing the contributions of Literacy to the teaching of the textual genres in the Education of Young and Adults (EJA). The research is justified by the understanding of the importance of literacy in all teaching modalities and, specifically, for the conduction of the works with the textual genres in the EJA, which is an alternative of preponderant teaching for those young people and adults who could not continuation of their basic training. It is a bibliographical research that has as theoretical background the contributions of several scholars, such as: Antunes (2002), Bagno (2007), Bakhtin (1992), Brazil (1998), (2001), Kleiman (2007), Marcuschi (2002), Orlandi (2000), Soares (1998) among other researchers whose work is pertinent to the development of the discussion proposed here. The research indicates that literacy is important subsidy for the insertion of the subject in society and, therefore, the teaching of the textual genres tends to be useful for the exercise of the literacy also in the EJA, ensuring that the students can apply successfully the knowledge seen in the classroom in the most different communicative situations.

Keywords: Literacy, Discursive genres, Youth and Adult Education

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

ANTUNES, I. C. Língua, gêneros textuais e ensino: considerações teóricas e implicações pedagógicas. **Perspectiva**, v. 20, n. 1, p. 65-76, 2002.

_____, I. **Aula de Português: encontro e interação**. São Paulo: Parábola Editorial, 2003.

ARBACHE, A. P. B. **A formação do educador de pessoas jovens e adultas numa perspectiva multicultural crítica**. Dissertação de Mestrado. Rio de Janeiro. Papel Virtual Editora, 2001.

BAGNO, M. **Nada na língua é por acaso: por uma pedagogia da variação linguística**. São Paulo: Parábola, 2007.

BAKHTIN, M. Os gêneros do discurso. In: M. Bakhtin. **Estética da criação verbal**. São Paulo: Martins Fontes, 1992. pp. 277-326.

BONINI, A. Ensino de gêneros textuais: A questão das escolhas teórica e metodológicas. **Trabalhos em Linguística Aplicada**, v. 37, 2001.

BRASIL. Secretaria de Educação Fundamental. **Parâmetros Curriculares Nacionais: Língua Portuguesa**. Brasília: 1998.

_____. Conselho Nacional de Educação. Câmara de Educação Básica. **Parecer nº 11, de 10 de maio de 2000**. Dispõe sobre as Diretrizes Curriculares Nacionais para a Educação de Jovens e Adultos. Disponível em: <www.mec.gov.br/cne>. Acesso em: 31 Mar 2018.

COELHO, K.; MACHADO, M.A.; **A importância da leitura na educação infantil: um estudo teórico**. FAP, 2015.

BRANDÃO, H.; MICHELETTI, G. Teoria e prática da leitura. In: **Ensinar e aprender com textos didáticos e paradidáticos**. São Paulo: Cortez, 1997.

FREIRE, P. **A educação como prática de liberdade**. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1967.

KLEIMAN, A. **Preciso ensinar o letramento?** Campinas, SP: Cefiel/Unicamp, 2001.

_____, A. B. **Letramento e suas implicações para o ensino de língua materna.** Signo, v. 32, n. 53, p. 1-25, 2007.

LIMA, P. G; *et al.* Formação docente: uma reflexão necessária. **Revista de Educação**, v. 2, n. 4, 2007.

LOPES, S. P.; SOUSA, L. S. **EJA:** uma educação possível ou mera utopia. Revista Alfabetização Solidária (Alfasol), v. 5, 2005.

MARCONDES FILHO, C. **O Método atrator.** São Paulo: ECA/USP, 1995.

MARCUSCHI, L.A. **Da fala para a escrita:** atividades de retextualização. 2. ed. São Paulo: Cortez, 2001.

MARCUSCHI, L. A. Gêneros textuais: definição e funcionalidade. *In:* DIONÍSIO, Â. P.; MACHADO, A. R.; BEZERRA, M. A. **Gêneros textuais e ensino.** Rio de Janeiro: Lucerna, 2005. p. 19-36.

MELO, T. T. M. **A alfabetização na perspectiva do letramento:** a experiência de uma prática pedagógica no 2º ano do ensino fundamental. 2012.

OLIVEIRA, M. do S.. Gêneros textuais e letramento. **Revista brasileira de linguística aplicada**, v. 10, n. 2, 2010.

ORLANDI, E. P. **Discurso e leitura.** São Paulo: Cortez; Campinas: Editora da UNICAMP, 2000.

ROJO, R. **Letramento e capacidades de leitura para a cidadania.** São Paulo: See: CenP, p. 853, 2002.

SANTOS, M. R. *et. al.* **Gêneros textuais e ensino:** uma proposta de letramento a partir do gênero fábula. ANTHESIS, v. 3, n. 6, p. 53-76, 2015.

SOARES, L. **Diálogos na Educação de Jovens e Adultos.** Belo Horizonte: Autêntica, 2006.

SOARES, M. **Letramento**: um tema em três gêneros. Belo Horizonte, Autêntica, 1998.

_____, M. **Letramento e alfabetização**: as muitas facetas. 26ª Reunião Anual da Anped, 2004.

SOUZA, R. J. de. **Narrativas Infantis**: a literatura e a televisão de que as crianças gostam. Bauru: USC, 1992.

SOUZA R. J. *et al.* **Leitura do professor, leitura do aluno**: processos de formação continuada. 2015.